

*The Feltosas and the Sertão dos Inhamuns* é, sem dúvida, uma obra pioneira no Brasil. Apesar de ter lidado com fontes documentais relativamente escassas e dispersas, o livro é uma contribuição séria para nossa história social. Embora não cheguemos a apontá-lo como exemplo paradigmático, ele fornece pistas e revela uma série de dificuldades que o pesquisador enfrenta quando aborda micro-universos, tais como uma família pertencente à uma região economicamente periférica no contexto histórico nacional. Ideal seria se tal obra servisse de estímulo para que outros pesquisadores, de preferência munidos de sólida base conceitual sócio-antropológica, se dedicassem ao estudo monográfico quer de outras comunidades de diferentes configurações ecológicas e econômicas, quer de outras famílias cuja presença ficou registrada em nossa história.

— LUIZ MOTT.

LESSA, Orígenes — *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário, 1973, 150 p. il.)

A abordagem de nossa literatura de cordel através de ciclos temáticos vem-se impondo quer nas tentativas de classificação, quer no estudo propriamente dito dos poemas. O recente ensaio de Manuel Diégues Júnior "Ciclos temáticos na literatura de cordel" (1) objetivou uma síntese das duas classificações mais importantes: a de M. Cavalcanti Proença (2) e a de Ariano Suassuna (3). "A nossa preocupação — escreveu ele — é a de apresentar a temática da literatura de cordel; e também assentar aqueles temas que são constantes ou permanentes nesta literatura, e isto sob duplo aspecto: de um lado, quais são estes temas, como são expostos, por que existem; e de outro lado, como o cantador ou trovador populares consideram estes temas, como os interpretam, o que seria, por assim dizer, a sua cosmovisão. Ou seja: como, no quadro de sua cultura, compreendem o fato tradicional ou o acontecido em face da sociedade em que vive. O que representa, de certo modo, o próprio sentimento desta sociedade" (p. 28). O resultado foi um arrolamento e exposição de temas em permanente circulação através das constantes reedições dos folhetos, recriação ou surgimento de fatos de grande repercussão social.

Entre os ciclos de maior expansão, destaca-se o de Getúlio Vargas, superado na área das figuras humanas apenas pelo do Padre Cicero, que inspirou maior produção poética. Antônio Silvino e Lampeão, embora de permanência mais acentuada, ficaram-lhe muito aquém na quantidade de folhetos publicados. É o que nos demonstra Orígenes Lessa em *Getúlio Vargas na literatura de cordel*, fundamentado numa documentação que abrange uma centena de folhetos. Ainda assim, Orígenes Lessa não considera exaustiva a sua pesquisa. "Esta tentativa de levantamento — diz ele — é baseada numa centena de folhetos e volantes, bastante incompleta, é claro, mas já suficiente para atender em parte ao apelo que fez o Prof. Raymond Cantel, da Sorbonne" (p. 59).

Efetivamente, Raymond Cantel — um grande admirador e estudioso de nossa literatura de cordel, que desde há muito se vem dedicando à sua divulgação, valorização e estudo na França — sugere o exame das reações populares (na área da poesia popular) às diversas fases da política de Getúlio Vargas. Além da sugestão do tema, Cantel fala em "vague de poèmes", registrando mesmo uma "troisième vague du cycle de la mort de Getúlio Vargas". (4). O livro de Orígenes Lessa não vai à minúcia

(1) In *Literatura popular em verso*. Estudos, v. 1. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1973, pp. 1-151.

(2) In *Literatura popular em verso*. Católico, v. 1. Idem, 1961, p. 394.

(3) «Nota sobre a poesia popular nordestina», in *DECA*, Recife, n. 5, pp. 15-28, 1962.

(4) «L'exploitation d'un thème d'actualité dans la littérature populaire du Nordeste: la mort du président Getúlio Vargas». Separata.

de subdividir os subciclos, como faz Cantel em relação à morte de Vargas, mas nos apresenta uma delimitação nítida dos subciclos do tema Getúlio Vargas na literatura de cordel.

Anteriormente, foram estudados alguns ciclos da poesia popular nordestina: Mário de Andrade, "Lampeão" (1943); Théo Brandão, "as chelas" (1949); José Calasans, "Bom Jesus Conselheiro" (1950); Luís da Câmara Cascudo, "valentões" (1966), entre outros.

Orígenes Lessa divide a presença de Getúlio Vargas na literatura de cordel em fases correspondentes aos fatos de repercussão nacional. "Provavelmente, a figura de Getúlio começou a aparecer na literatura de cordel com a Revolução de 1930 — diz ele. Não tenho comprovantes. O folheto mais antigo que possuo é de Thadeu de Souza Martins, *O levante de São Paulo*, publicado em Fortaleza, a 20 de agosto de 1932" (p. 60). E adiante: "É provável que a Revolução de 32 tenha provocado muitos folhetos. É possível que, nos anos imediatos, outras vezes Getúlio tenha sido cantado pelos poetas de feira. Mas é só depois de 1935, e principalmente depois do golpe de 1937, que ele começa a empolgar os poetas populares, num reflexo da progressiva penetração da sua política trabalhista" (p. 61). E indica a apologia que é o folheto de João Martins de Ataíde, publicado no Recife, em 1938: *Homenagem da musa sertaneja ao grande chefe da nação Doutor Getúlio Dorneles Vargas e ao digno Interventor Pernambuco Dr. Agamenon Sérgio Magalhães*.

A abordagem de Orígenes Lessa, embora inclida predominantemente nas diversas fases de atuação de Vargas — da revolução de 1930 ao suicídio em 1954 — dá ênfase a aspectos da figura humana do Presidente. Daí a inclusão de capítulos como "O sorriso de Getúlio", "O pai dos pobres", ao lado de "O Estado Novo", "Ele voltará" e "Desfecho trágico". Desse modo, a estrutura do livro resultou num misto de fases da vida política de Vargas e traços de sua personalidade. Os subciclos, contudo, são claramente delimitados. O volume de folhetos manipulado por Orígenes Lessa, entretanto, faria jus a um aprofundamento dessas fases, incluindo mesmo um esquema que agrupasse os folhetos correspondentes a cada uma, destacando-lhes as características. De qualquer modo, as fases são configuradas através de excertos de vários poetas — o Estado Novo, as campanhas para senador e presidente da República, a morte, a exaltação final. Alguns exemplos: *O golpe de seu Gegê ou o choro dos deputados*, de Zé Vicente; *A posse do Senador Vargas, Agamenon e Zé Américo. Ele voltou*, de Francisco Sales Areda; *Nós queremos é Getúlio*, de Rodolfo Coelho Cavalcanti; *A candidatura de Getúlio Vargas*, de Delarme Monteiro da Silva; *A vitória Getulista nas eleições de 50*, de Manuel d'Almeida Filho; *A morte do Presidente Getúlio Vargas*, de Minelvíno Francisco da Silva; *História completa do suicídio de nosso inesquecível Presidente Vargas*, de Antônio Eugênio da Silva; *Vida e tragédia do Presidente Getúlio Vargas*, de Antônio Teodoro dos Santos; *Nascimento, vida e paixão e morte de Getúlio Vargas*, de Rodolfo Coelho Cavalcanti; *A chegada festiva de Getúlio no céu*, de Perminio Valtér Lirio, e muitos outros.

Orígenes Lessa, além de indicar os subciclos e ilustrá-los com transcrições de poemas, procura interpretar o sentimento dos poetas em relação aos fatos motivadores de sua criação poética, isto é, configurar aquela cosmovisão de que falou Manuel Diégues Júnior, acima citado. No tocante ao suicídio, afirma Orígenes: "Duas distinções sutis apresentam os poetas para explicar ou afastar o grave pecado. Uma, ter morrido no posto de honra, para não se entregar, para não ser morto. Outra, para evitar derramamento de sangue, para salvar o seu povo" (p. 127). E depois de confrontar trechos de diversos poetas, conclui (p. 130): "Foi esse, realmente, o grande achado dos trovadores para apagar a pecha do suicídio, que lhes fez sangrar o coração desde que o rádio espalhou a notícia por todo o país: identificar com o sacrifício de Cristo o sacrifício do político abandonando, emprestar-lhe um caráter messiânico: 'Getúlio suicidou-se / porque nem Jesus livrou-se ] da língua do pessoal' (Moisés Matias de Moura, A

*morte do Presidente Getúlio Vargas, braço forte do Brasil).*" A grande floração do cordel getuliano — observa Orígenes Lessa — é exatamente nos anos de desfavor.

Muito oportuna foi a inclusão no livro, à guisa de introdução, do estudo do próprio Orígenes sobre literatura de cordel, publicado em 1955 na revista *Anhembi* (n. 61), que estava de há muito exigindo republicação. *Getúlio Vargas na literatura de cordel* é livro de grande utilidade pela análise e informações que contém sobre cantadores, literatura popular, sobre o ciclo de Getúlio Vargas e, particularmente, por ter reunido tão elevado número de folhetos referentes ao mesmo. — BRAULIO DO NASCIMENTO.

MELLO, Maria Conceição D'Incao e — *O Bóia-fria: acumulação e miséria*. Vozes, Petrópolis; FFCL, Presidente Prudente, 1975, 154 pp.

A Sociologia contemporânea brasileira já tem se preocupado com o problema da marginalidade social. H. Jaguaribe, L. Perceira, Maria C. Paoli e outros cientistas sociais já publicaram alguns resultados de suas pesquisas sobre o tema. Surge agora com a Editora Vozes o trabalho de doutorado da Profa. Maria Conceição D'Incao e Mello, da FFCL, de Presidente Prudente, sobre o "bóia-fria" — elemento social inserido na economia rural da Alta Sorocabana. Esta região se caracteriza pela "predominância progressiva da pecuária extensiva sobre a agricultura, fato que sugere a existência de um acentuado "êxodo rural", pela incipiente industrialização "fato que permitia prever uma precária absorção, pela economia urbana, das populações que migravam para as cidades".

Elaborando o conjunto teórico referente à marginalização social, a autora se propôs a enfocar o diarista do meio rural também conhecido como bóia-fria dentro do seguinte esquema: 1. As populações marginais da Alta Sorocabana são geradas pela evolução do Sistema de economia capitalista no meio rural. 2. A evolução do Capitalismo no meio rural se faz de modo a excluir grandes parcelas da população do processo global de produção. 3. Estes contingentes de população, liberados da economia rural, localizam-se nas cidades, na condição de ofertantes no mercado de trabalho. 4. O engrossamento das fileiras dos ofertantes de força de trabalho, nas cidades da Alta Sorocabana, permite uma alteração no sistema de exploração de força de trabalho na economia rural, de modo a garantir condições mais vantajosas para os detentores dos meios de produção: o trabalho do "bóia-fria". 5. A possibilidade de contar com o trabalhador "bóia-fria" na economia rural acelera o processo de engrossamento das populações "marginais" na Região, através da substituição do trabalhador estável no campo pelo trabalhador volante. 6. Esta contradição estrutural entre os interesses do grupo dominante — empresários rurais — e os do grupo dominado, — os bóias-frias —, responde pela existência histórica de um potencial negador do sistema na práxis do "bóia-fria". (p. 31). Eis aí o núcleo desta tese da ilustre professora.

Como técnica de pesquisa a autora utilizou a entrevista, abrangendo estas quatro partes: 1. pequena história de vida do informante; 2. reconstrução de suas condições de trabalho; 3. condições de trabalho relacionadas a condições de vida, e 4. avaliações relativas ao presente e expectativas do futuro. (p. 33).

Para uma visão sociológica do tema abordou a estrutura fundiária, a exploração da força de trabalho em suas variadas formas e a conseqüente migração campo-cidade, (pp. 39-84).

Constata a autora que dentro de seu esquema teórico de referência, a "existência, nas cidades da Alta Sorocabana, de uma população desempregada ou trabalhando parcialmente, vem atendendo aos requisitos de acumulação de capital, na economia rural da região". "O bóia-fria" é a afirmação do sistema capitalista, atendendo aos interesses da acumulação de capital, na medida em que é ofertante de força de trabalho, como membro da população relativa. A presença do bóia-fria favorece o empregador, pois há no meio rural um excedente da oferta de força de trabalho, em relação à demanda, e isto em situação permanente.